

Notas sobre tempo e história. Homenagem a Franklin Leopoldo e Silva

Tessa Moura Lacerda

USP

RESUMO

O artigo apresenta um diálogo, feito ao longo do tempo, sobre o conceito de tempo. Assim, recupera a interpretação que Franklin Leopoldo e Silva faz do tempo na filosofia de Bergson e coloca essa interpretação em relação com uma interpretação de tempo em Leibniz inspirada nas leituras que Deleuze e Benjamin fazem do autor seiscenista. Sirvo-me do testemunho como categoria filosófica para narrar esse meu diálogo com Franklin Leopoldo e Silva, iniciado em 1993.

PALAVRAS-CHAVE

Tempo; história; Leibniz; Bergson; Deleuze.

ABSTRACT

The article presents a dialogue, made over time, about the concept of time. Thus, it recovers Franklin Leopoldo e Silva's interpretation of time in Bergson's philosophy and puts this interpretation in relation to an interpretation of time in Leibniz inspired by Deleuze and Benjamin's readings of the seventeenth-century author. I use testimony as a philosophical category to narrate my dialogue with Franklin Leopoldo e Silva, which began in 1993.

KEY WORDS

Time; history; Leibniz; Bergson; Deleuze.

o tempo é a chave de tudo isso:
conforme o modo como venhamos a entendê-lo e a vivê-lo,
a existência poderá ser a continuidade conservadora
do que nos resignamos a ser ou a aventura
imprevisível de tudo que possamos vir-a-ser
(Leopoldo e Silva, 2009, p.17).

I. tempo de encontro

Poucas palavras, grávidas de significados. De silêncios mineiros tece-se um diálogo. Franklin Leopoldo e Silva não é mineiro, nem eu. Mas há herança de Minas Gerais em nós. É sobre esse diálogo que ora escrevo. Não havendo um texto que pudesse dizer de todos os sentidos que Franklin Leopoldo e Silva e sua obra têm para mim, sei, com o mineiro Drummond, que só encontro meia palavra... “O verso não, ou sim o verso?/ Eis-me perdido no universo / do dizer, que, tímido verso,/ sabendo embora que o que lavra/ só encontra meia palavra” (Drummond, 2007, p. 95).

E também com o poeta deixo que a poesia de homenagear meu professor e mestre inunde tudo, como rio forte que irriga a imaginação:

Gastei uma hora pensando um verso
Que a pena não quer escrever
No entanto ele está cá dentro
Inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
E não quer sair.
Mas a poesia deste momento
Inunda minha vida inteira (*Id.*, 2012, p. 7).

Momento, tempo de encontro. Momento que se propaga por todos os tempos da vida, simultaneamente. Mas conto inventando uma linearidade progressiva de passado, presente e futuro que, logo veremos, é ilusória.

Verão de 1993: ingressei como estudante no curso de Filosofia da USP. Conheci Franklin Leopoldo e Silva no meu primeiro dia de aula, há exatos 30 anos. Ele ministraria a disciplina obrigatória Introdução à Filosofia: acompanhamos as seis *Meditações cartesianas* através da leitura precisa, rigorosa, instigante e generosa deste professor que é, sem a menor sombra dúvida, uma das pessoas mais incríveis que eu tive a oportunidade de conhecer na vida. Depois deste curso sobre Descartes, foram vários cursos que assisti como aluna regular ou como ouvinte: Leibniz, Camus, Sartre, Bergson...

Costumo dizer que tenho um pai e uma mãe intelectuais – e em grande medida tive a sorte de escolher e ser acolhida por pessoas muito humanas. Digo sempre que

Marilena Chaui é minha mãe intelectual. Meu pai intelectual é Franklin Leopoldo e Silva. Franklin acompanhou meu “nascimento” na Filosofia, quando muito instigada pelo Leibniz que ele apresentava na disciplina de História da Filosofia Moderna escolhi estudar este autor com este professor, em 1995, no meu terceiro ano de graduação. Eu não sabia – e ainda não sei inteiramente – as razões que me moveram tão fortemente a essa escolha – e nisso sou bastante leibniziana: há infinitas causas finais que determinam a decisão da vontade, que inclinam o desejo para uma determinada escolha, e infinitas causas eficientes que garantem que esta escolha se dê na ordem física da corporeidade... Mas tenho certeza que foi a melhor das escolhas! Ter a honra de ter Franklin como orientador é muito mais do que uma escolha feliz: é saber-se acompanhada; saber que sua leitura e sua interpretação – ainda que possam ser ingênuas num primeiro momento – são uma leitura e uma interpretação possíveis; é ouvir comentários sucintos, mas precisos; é ouvir sugestões que parecem pontuais, mas que determinam os rumos não só de sua pesquisa, mas de suas reflexões. Sim, eu tive essa imensa sorte de escolher como pai intelectual o mais generoso leitor e o mais sensível dos mestres que encontrei em minhas andanças.

Como um pai intelectual, Franklin nunca me abandonou depois que “nasci” com a escolha de estudar Leibniz. Esteve comigo, me acompanhando sempre: no mestrado – sobre a *Teodiceia* de Leibniz (*A política da metafísica, Teoria e prática em Leibniz*, publicado em 2004) – quando aprendi a engatinhar intelectualmente; no doutorado, sobre a teoria da expressão em Leibniz, quando ousei dar meus primeiros passos intelectuais de interpretação; e no pós-doutorado, ainda sobre a filosofia expressiva de Leibniz, quando pude começar a andar sem me segurar e ousar leituras e interpretações que não ousaria antes – sem “me segurar”, mas nunca sem o apoio de Franklin.

Sempre soube que podia contar com Franklin. Ele sempre esteve ali. Comigo! Mesmo quando, já “adulta” intelectualmente, comecei a dar aulas aqui no Departamento de Filosofia da USP, em 2009, foi indiretamente a ele que recorri para preparar minhas aulas – li e reli os meus cadernos de graduação com as anotações das aulas ministradas por ele. Meus primeiros cursos sobre História da Filosofia Moderna foram uma tentativa de reproduzir os cursos de Franklin sobre Filosofia Moderna – muito aquém, é verdade, dos cursos originais, diga-se de passagem, mas uma etapa importante para eu poder me tornar a professora que sou hoje. Mas o que mais aprendi com Franklin foi a ser uma professora como queria ser – e sim, o tempo, esse indicador do movimento e da mudança, nos diz que nunca fica pronta

a nossa edição definitiva, parafraseando Carlos Drummond de Andrade¹ – e por isso, estou constantemente me tornando a professora que quero ser. Mas foi precisamente isso que aprendi com Franklin. Por isso, ainda que ele tenha, neste percurso intelectual, me deixado livre o suficiente para que, como uma “jovem adulta” eu pudesse andar com minhas próprias pernas, ele jamais me deixou sozinha. Esteve e está comigo todos os dias em que entro na sala de aula. A minha busca é por uma docência tão sensível e tão generosa quanto a dele – sem jamais desmerecer o rigor e a precisão das análises, leituras e conceitos trabalhados por Franklin, o que mais me marcou nessa capacidade de ensinar Filosofia foi sua sensibilidade e generosidade ímpares.

Sei que se trata de um colóquio – e agora uma revista – sobre “a obra” de Franklin Leopoldo e Silva, mas tomo a liberdade de fazer esse testemunho, não apenas por considerar o testemunho uma categoria filosófica fundamental na contemporaneidade², assim como nas discussões atuais sobre a narrativa dominante sobre a História da Filosofia e nas propostas de reescritura do cânone filosófico, mas também e sobretudo porque o que estou chamando aqui de “sensibilidade e generosidade” são elementos essenciais na maneira de trabalhar deste filósofo, que tomo como meu pai intelectual. É como a linha que alinhava a costura precisa de conceitos: sensibilidade e generosidade. Também na análise deste objeto que escolhi para refletir hoje: o tempo.

Há um texto, “Tempo: experiência e pensamento”, publicado em 2009 na *Revista USP*, que pode ser o mote para este diálogo com os leitores. Ali, de maneira sensível e generosa, mas sem abrir mão do rigor, Franklin Leopoldo e Silva resume, de maneira extremamente didática, aspectos de sua tese de livre docência, *Bergson. Intuição e discurso filosófico*, sobretudo a parte II do livro, “Etapa crítica da reinstauração do objeto da filosofia: Exame de teorias tradicionais do tempo” (cf. Leopoldo e Silva, 1994).

Por que retomar este texto de 2009? Porque me remete ao professor Franklin em sua sala de aula: generosidade e sensibilidade para lidar com as dúvidas e questões, às vezes muito ingênuas, dos estudantes ingressantes. E essa atitude filosófica diante

¹ “O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente” (Drummond, 2007, p. 11).

² Penso a partir de Jeanne Marie Gagnebin, que propõe um sentido alargado de testemunho, para além do histórico de Heródoto, e que se faz entre aqueles que narram e aqueles que ouvem a narrativa (cf. Gagnebin, 2006, p. 57). Também a partir de bell hooks, feminista negra que se diz grata pelo testemunho de mulheres que, como ela, são capazes de narrar sua própria dor (cf. hooks, 2017, p. 103). Penso ainda junto com Yuderkys Espinosa Miñoso, que sugere a possibilidade de uma metodologia feminista que leve em conta o testemunho de experiências de opressão, na luta contra essas opressões (cf. Miñoso, 2020).

de dúvidas ingênuas, que caracterizo como generosidade e sensibilidade, me interessa em si mesma.

Mas o tema do texto me interessa também, em segundo lugar, como forma de estabelecer um diálogo sobre o tempo, a partir de minha leitura de Leibniz, com a qual pretendo concluir esta conversa de hoje. Por isso, vou retomar também um texto de 1992, “Bergson, Proust. Tensões do Tempo” publicado na coletânea organizada por Adauto Novaes, *Tempo e história* e outros trechos de textos que versam sobre o tempo. Não para encerrar, mas para abrir um debate e continuar o diálogo.

II. Bergson de Franklin: abertura para a aventura

Contra a lógica do tempo linear e progressivo, é pelo fim que começo: o final e a conclusão do texto “Tempo: experiência e pensamento”, de 2009, de Franklin Leopoldo e Silva afirma o seguinte:

o pensamento bergsoniano poderia ser efetivamente revolucionário, se pudéssemos apreendê-lo na radicalidade do que ele propõe tanto para a filosofia quanto para a vida. E vemos também como o tempo é a chave de tudo isso: conforme o modo como venhamos a entendê-lo e a vivê-lo, a existência poderá ser a continuidade conservadora do que nos resignamos a ser ou a aventura imprevisível de tudo que possamos vir-a-ser (Leopoldo e Silva, 2009, p. 17).

O que Franklin chama de revolucionário no pensamento de Bergson? A crítica das concepções tradicionais do tempo permite a Bergson, de maneira original, entender o tempo sem espacializá-lo, sem tentar estabilizá-lo através do espaço. Vejamos.

Antes de tudo, por que a mente humana, seja na percepção sensível, seja na conceituação científico-filosófica tende a especializar o tempo? A conjugação de ser e não-ser no tempo, o “caráter fluente do tempo”, a “não existência das dimensões do passado e do futuro” e a “precariedade transitória do presente” (Ibid., p.16) fazem com que a mente seja tomada de perplexidade. E diante dessa perplexidade, buscando um ponto fixo, consegue através do espaço tornar estável o que é puro fluxo.

O espaço, diferente do tempo, permite criar uma estabilidade, permite

reduzir a instabilidade das relações temporais de sucessão à estabilidade própria das conexões espaciais, governadas pelo vínculo da justaposição. A vantagem prática é inegável – conclui Franklin –: a justaposição espacial nos dá a presença dos elementos que precisamos relacionar; enquanto a sucessão temporal nos coloca diante do desaparecimento e da ausência dos elementos que devemos representar (Ibid.).

O espaço permite representar o tempo como uma linha, progressiva, em que estão representados ao mesmo tempo passado, presente e futuro. Essa interpretação, que remonta à definição que Aristóteles dá do tempo no quarto livro da *Metafísica* e em sua *Física*, segundo Giorgio Agamben, “determinou por dois mil anos a representação ocidental do tempo, [...] um *continuum* pontual, infinito e quantificado” (Agamben, 2014, p. III): nossa mente representa o tempo de acordo com uma concepção espacial – a antiguidade greco-romana representa o tempo como circular e contínuo; a modernidade ocidental como linear e progressivo. A definição de Aristóteles, lembra Franklin Leopoldo e Silva, segundo a qual o tempo “é o número do movimento segundo o antes e o depois”, “leva a entender que o tempo é um modo de divisão e articulação da realidade em instantes, que são anteriores e posteriores” (Leopoldo e Silva, 2009, p. 9).

Retomando a história da filosofia ocidental, Franklin Leopoldo e Silva mostra que, na escolha filosófica pela estabilidade e pela identidade do ser, está em jogo “o conhecimento da realidade e a possibilidade de uma experiência do mundo” (*ibid.*, p. 8). Se aceitássemos, com Heráclito, que entramos e não entramos no mesmo rio, que não há nada de fixo ou estável em nossa experiência do mundo e tampouco em nossa possibilidade de conhecer o mundo, que a realidade é um puro fluxo, inapreensível pelo pensamento, que tudo o que existe é movimento, então nos faltaria o chão, não teríamos nenhum referencial estável para conhecer e estar no mundo. Ora, é por isso que Franklin considera que “o pensamento bergsoniano poderia ser efetivamente revolucionário, se pudéssemos apreendê-lo na radicalidade do que ele propõe” (*ibid.*, p. 17), como citei antes, porque o que Bergson propõe é exatamente a tese de que o real é esse fluxo do devir: nas palavras de Franklin,

O ser, o que verdadeiramente existe, são mobilidade e mudança, ou seja, temporalidade, e não objetos que permanecem. Dito paradoxalmente: o ser é devir, isto é, contínuo fluxo temporal (Leopoldo e Silva, 1992, p. 144)

Eis a revolução: “Temporalidade é sobretudo transformação e é a transformação que marca o ritmo de nossa história interior” (*Ibid.*, p. 148).

Ora, o que as teorias filosóficas canônicas fazem ao trabalhar a questão do tempo é escamotear o tempo – para usar a expressão de Franklin (*Ibid.*, p. 144) – para poder imobilizar o real. Nossos esquemas teóricos, lógicos e metafísicos produzem uma segmentação analítica do tempo em instantes, impomos formas à experiência do movimento e da mudança que descaracterizam completamente essa experiência, segundo Franklin Leopoldo e Silva (2017, p. 160), por necessidade teórica e por conveniência prática; “É desse modo que nos colocamos *diante* do movimento da realidade e não *nele*” (*Ibid.*). Interiorizamos esses esquemas e nos afastamos do real,

ocultando de nós mesmos a íntima consciência do tempo, desse fluir, deixamos de captar o fluxo da realidade externa e o fluxo de nossa história pessoal.

Não percebemos o tempo, mas os instantes, o antes e o depois, como pontos fixos de uma linha imaginária, através de objetos também fixos: “os objetos que se movem são percebidos, a cada vez, imóveis num ponto do espaço e fixos numa posição da linha temporal” (Leopoldo e Silva, 1992, p. 143); o processo pelo qual o objeto se move, o tempo, nós não percebemos. O conceito também não me dá acesso ao tempo, aliás o anula por completo, privilegiando uma fixidez, ou o *substratum* idêntico a si mesmo, que não corresponde ao real. A modernidade, a filosofia da representação com Descartes e Kant, não rompe com a busca por estabilidade presentes na filosofia antiga de Platão e Aristóteles, apenas acrescenta o sujeito nessa busca por fixidez; e assim imobilizam o real.

“O pensamento bergsoniano poderia ser efetivamente revolucionário” se compreendêssemos a proposta dele que se contrapõe à canônica história da filosofia ocidental que, escolhendo a identidade e a fixidez, nos afasta do real, da experiência do tempo.

O que Bergson aponta é para a possibilidade de relaxamento de uma tensão na suposta apreensão da realidade: “Aquilo que de direito perceberíamos, se nosso espírito se pusesse diante da realidade desarmado de qualquer critério pragmático, se obnubila: nosso espírito se concentra, tensionado” (*Ibid.*, p. 146)... Para isso, para esse relaxamento, trata-se de aprofundar a percepção, mas o sentido mesmo de percepção sensível precisa ser transformado: “não se trata de rodear os objetos para fotografar os seus perfis [...]. Trata-se de coincidir com as coisas da mesma forma que coincidimos conosco” (*Ibid.*, p. 147). A percepção sensível em sentido bergsoniano, como mostra Franklin Leopoldo e Silva, é a sensibilidade às transformações que marcam o ritmo de nossa história interna, “um vir-a-ser qualitativo” (*Ibid.*, p. 148).

A percepção sensível assim entendida me remete a uma leitura possível do pensamento de Leibniz – obviamente não aquela que o aproximaria da fenomenologia de Merleau-Ponty – e me transporta imediatamente aos cursos de Franklin sobre Leibniz. Ainda que se concentrasse na leitura detida do *Discurso de metafísica* – um texto que traz muitas questões teológicas –, Franklin nos apresentava também outros textos do filósofo seiscentista, inclusive a *Monadologia*, opúsculo no qual a *percepção* é definida como “o estado passageiro que envolve e representa uma multiplicidade na unidade” (Leibniz, 2004a, §14, p. 133); a percepção, que caracteriza todas as substâncias simples, está necessariamente ligada à *apetição*, “a ação do princípio interno que faz a mudança ou a passagem de uma percepção a outra” (*Ibid.*, §15, p. 133). E acrescenta Leibniz: “e é só isso que podemos encontrar na substância simples

ou seja, as percepções e suas mudanças. E é também apenas nisso que podem consistir todas as *ações internas* das substâncias simples” (*Ibid.*, §17, p. 134). Salvo engano, Franklin não traçou explicitamente essa analogia entre a percepção em Leibniz e a percepção sensível em Bergson e por ora só posso especular sobre as possíveis descobertas propiciadas pela leitura de Leibniz. Mas gostaria de reter isso: a percepção em um mundo leibniziano, no qual cada substância é um mundo ou uma perspectiva singular do mundo, é sempre percepção de si e das mudanças internas – é a percepção da história interna.

III. Tempo em diálogo ou verso e reverso

O tempo espacializado não é tempo real, mas tentativa humana de estabilizar a transitoriedade, a mudança e o movimento constantes – podemos resumir assim a apresentação que Franklin faz do tempo em Bergson. A percepção dessa transitoriedade através da intuição bergsoniana, ou pela arte, é o real.

Volto ao testemunho, novamente reivindicando-o como categoria filosófica. E aqui, para narrar meu diálogo com Franklin. Há algum tempo, decidi pensar sobre o tempo, porque queria refletir sobre as possibilidades de transformação da história. Se, como diz Agamben, “toda concepção da história é sempre acompanhada de certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz” (Agamben, 2014, p. 109), era antes de tudo no “tempo” que precisaria me concentrar. Nesse tempo, chegando à Faculdade num dia qualquer, encontrei Franklin sentado embaixo de uma amoreira do jardim e me sentei com ele – remetida imediatamente à visão do sábio que temos desde a elaboração dessa figura pela filosofia antiga grega. Expliquei-lhe que gostaria de pensar sobre o tempo e que, então, cogitava estudar Paul Ricoeur e/ou Bergson. E ele concordou que são autores que têm o pensamento do tempo como algo fundamental em sua obra, mas sugeriu, com delicadeza, sensibilidade e generosidade, que eu lesse o que Deleuze escreveu sobre Leibniz, prolongando a sugestão que fizera no início de meu doutorado, quando eu decidira estudar a expressão em Leibniz...

E eu fiz um pouco disso. E tentei encontrar no Leibniz deleuziano o que eu mesma queria encontrar. A possibilidade de pensar o tempo em Leibniz não apenas como sucessão (de passado-presente-futuro), mas também como coexistência ou simultaneidade (de passado-presente-futuro) seria a chave para afirmar que Leibniz, contra uma tradição arraigada na História da Filosofia canônica ocidental, não espacializa o tempo – e aliás, temporaliza o espaço. Será?

Somente agora, preparando-me para este diálogo sobre tempo com Franklin, é que me dou conta – não inteiramente, é verdade – de que essa proposta que fiz na leitura de um Leibniz deleuziano, em lugar de mostrar uma outra possibilidade de

pensar o tempo, talvez aprofunde muito mais a espacialização do tempo de que eu queria fugir ao conceber o tempo como coexistência (em lugar da representação do tempo como sucessão linear e progressiva). Ora, ainda há tempo de repensar? Creio que sim, que sempre é tempo. Então proponho aqui hoje rever, à luz da explicação de Franklin sobre o tempo, sobretudo a partir de Bergson, a própria ideia de tempo em Leibniz na leitura que eu mesma estava fazendo.

E, sem tempo para estabelecer uma ordem de exposição diferente da ordem da descoberta, é essa descoberta, como pedra bruta, que posso, por ora, oferecer a este debate neste momento do tempo. Como eu disse no início: estou sempre, de uma forma ou de outra, dialogando com Franklin. Começo pelo fim: a pedra bruta da descoberta de uma possível interpretação, a saber, na leitura de Deleuze do tempo em Leibniz não apenas como sucessão, mas também como coexistência ou simultaneidade, a chave está na ideia de *simultaneidade*. A simultaneidade está na *percepção*, que comporta sempre o infinito – percebemos tudo, afirma Leibniz nos *Princípios da natureza e da graça* (cf. Leibniz, 2004b, §13, p. 160), percebemos o infinito, mas confusamente. Na letra do texto, Leibniz afirma que “conhecemos tudo”, mas o exemplo de que se serve é o exemplo já clássico do caminhante à beira do mar que *percebe* infinitas gotas que constituem uma onda, mas só se *apercebe* do resultado delas, a onda. Há, portanto, uma relação entre a percepção e a apercepção, a consciência de que percebemos quando percebemos. Mas essa consciência não alcança a infinidade que caracteriza a percepção simultânea de infinitos elementos.

Sim, percebemos tudo, e não há ordem de sucessão nessa percepção. Essa maneira progressiva de ordenar o tempo é uma ordem que nossa percepção estabelece segundo o antes, o agora e o depois, em analogia com o espaço: o que está “mais distante” no tempo, é o passado ou o futuro, o que está “mais perto” é o presente. Mas nossa percepção faz bem mais que isso, porque somos partes-totais do mundo, sujeitos que contêm em si desde sempre passado, presente e futuro de sua ação, podemos perceber tudo simultaneamente, percebemos o infinito. E nossa existência é a passagem de uma percepção a outra, cada percepção contém a infinidade em seu interior, e a mudança se dá aos poucos, nunca de maneira abrupta, mas de maneira contínua – numa analogia cromática bem ao gosto de Leibniz, poderíamos dizer que na percepção que vai do amarelo para o vermelho, há infinitos tons de laranja que se interpõem entre a percepção inicial e a final, sempre simultaneamente.

Nossa percepção, porque é a percepção do infinito e da simultaneidade de infinitos elementos, assim interpretada cria lugar para a proposta de Deleuze segundo a qual não há apenas uma série – a do melhor dos mundos possíveis – mas infinitas séries que em linguagem leibniziana são divergentes, mas que coexistem na simultaneidade de nossa percepção – através da memória e através da arte. O que Deleuze

considera é que as séries divergentes podem coexistir (cf. Deleuze, 2018, p. 163). E de fato, em nossa percepção de nossa história interior, elas coexistem. Aquele verão de 1993 está presente aqui hoje, em minha fala, inclusive. Mas está também tudo que poderia não ter sido – como diria Franklin Leopoldo e Silva, numa reflexão sobre maio de 1968, há futuros que se tornam possíveis, mas não reais. Ora, mas se tornaram futuros possíveis! E isso importa toda vez que pensarmos no presente e procurarmos ressignificar o passado e imaginar o futuro.

• • •

Mas para oferecer alguns passos anteriores a essa descoberta bruta – e ter ao menos um reflexo da atitude filosófica que identifico como essencial em Franklin, de generosidade e sensibilidade – retomemos algumas questões logicamente anteriores.

Leibniz define o tempo como uma relação. Em seu debate indireto com Newton, através das cartas a Clarke, vemos que Leibniz se contrapõe à ideia newtoniana de um tempo absoluto. O tempo não existe a despeito das coisas que estão no tempo, mas só existe como relação entre essas coisas (Leibniz, 1973, Terceira carta, §4, p. 413). Poderíamos dizer que, a partir da perspectiva singular de cada indivíduo, o tempo é a relação que estabelecemos com os outros e com os acontecimentos. Organizamos nossa percepção segundo um antes, um agora e um depois. Por isso o tempo é definido como a ordem de relação das coisas sucessivas. Aquelas que não podem existir ao mesmo tempo.

Se é assim, por que posso dizer que o verão de 1993 está presente aqui neste texto hoje e não ficou para trás, no passado, simplesmente? Ora, a singularidade da noção de indivíduo em Leibniz está justamente na coexistência e na simultaneidade de todos os acontecimentos que definem essencialmente esse indivíduo. O indivíduo é uma noção completa, como já definia Leibniz no *Discurso de metafísica* (cf. Leibniz, 2004c, §8, p. 16-17), o que significa que contém em sua essência, simultaneamente, tudo que lhe aconteceu, está acontecendo e vai acontecer. É essa peculiaridade da noção de indivíduo em Leibniz que permite a Deleuze (cf. 2003) pensar o tempo leibniziano não apenas como *sucessão*, mas também como *coexistência*: a coexistência de passado, presente e futuro no indivíduo.

A leitura deleuziana do tempo em Leibniz como sucessão e como coexistência ou simultaneidade já nos interessava então porque permitia pensar que o passado pode emergir no presente e ressignificar este tempo, atribuindo um novo sentido não apenas ao presente, mas também ao próprio passado. Isso significa a possibilidade de reescrever a história. Não se trata apenas de memória ou de rememorar o passado ou de ser invadido involuntariamente pela memória de um gesto, um perfume, um acontecimento, em algum momento presente – não se trata apenas de reencontrar

o sabor da infância numa *madeleine* proustiana³. Trata-se de *narrar* esse passado. Essa narrativa é a história – ou as histórias, no plural, como sugere de maneira muito pertinente Gayatri Spivak (2019, p. 251). Segundo a filósofa feminista indiana, as narrativas históricas são negociadas e, portanto, *construídas*.

O que significa construir a narrativa histórica? Segundo W. Benjamin,

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo ‘tal como ele foi’. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo (Benjamin, 2005, tese VI, p. 65).

Articular historicamente o passado é construir uma narrativa da história, escolher os acontecimentos que serão iluminados, a perspectiva que ganhará corpo na narrativa, no ato de escrever o passado. Assim, talvez, seja possível se ver como sujeito da história.

As leituras que G. Deleuze e W. Benjamin fazem de Leibniz já nos interessavam porque evidenciavam, cada leitura à sua maneira, uma possibilidade de leitura inovadora do tempo em Leibniz. Seja o tempo visto como simultaneidade no indivíduo singular leibniziano, seja o tempo pensado a partir da mônada como um tempo preenchido de “agoras” – contra um tempo vazio e homogêneo de uma historiografia desinteressante: “A história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetztzeit*)” (Ibid., tese IX, p. 87). Essa reinterpretação do tempo em Leibniz nos leva a pensar novas maneiras de narrar a história e considerar nela, como faz Franklin Leopoldo e Silva ao refletir sobre maio de 1968, o paradoxo da derrota: o que poderia ter sido e não foi. Mas uma vez que “poderia”, se torna pensável.

Concordo com Deleuze, para quem o tempo em Leibniz pode ser interpretado, ao mesmo tempo, como *sucessão* e como *simultaneidade*. Na correspondência com Clarke, Leibniz afirma que “o espaço é algo puramente relativo, como o tempo; a saber, na ordem das coexistências, como o tempo na ordem das sucessões” (Leibniz, 1973, Terceira Carta, §4, p. 413). Embora o tempo não seja o objeto principal desse diálogo epistolar, o tempo não apenas é definido como a ordem da sucessão, mas é também um dos elementos da definição de espaço: “o espaço assinala em termos de possibilidade uma ordem das coisas que existem ao mesmo tempo” (Ibid.). Ora, será que essa definição mostraria, como eu tendia a ler há até bem pouco tempo, que, contra uma tradição interpretativa, Leibniz não “espacializa” a noção de tempo, pensando-o como uma linha; mas “temporaliza” a noção de espaço? Sucessão define

³ Retomo aqui algumas reflexões publicadas em meu texto “Sucessão e coexistência: leituras do tempo em Leibniz” (Lacerda, 2022).

o tempo, coexistência e simultaneidade definem o espaço. Ora, mas na medida em que propomos tomar o tempo pela própria definição de espaço (ainda que na letra do texto leibniziano o “tempo” compareça na definição de espaço e não o contrário), não estamos justamente aprofundando aquele escamoteamento do tempo que, segundo Franklin, Bergson identifica nas construções conceituais de Aristóteles até a filosofia da representação, com Descartes e Kant?

A justificação da interpretação inspirada em Deleuze seria relativamente simples: a noção individual envolve, de uma vez por todas, os acontecimentos que só terão lugar na existência na ordem de sucessão temporal. O indivíduo leibniziano define-se, no *Discurso de metafísica*, como um sujeito de infinitos predicados, de maneira que a noção completa de cada pessoa contém acontecimentos passados, presentes e futuros. Eis por que Deleuze afirma, sobre o indivíduo em Leibniz, que “a ordem analítica dos predicados é uma ordem de coexistência ou de sucessão, *sem hierarquia lógica*” (Deleuze, 2003, p. 116).

Os predicados de um sujeito podem ser pensados, então, das duas maneiras, como sucessão ou como simultaneidade – sem hierarquia lógica, como sugere Deleuze. No primeiro caso (sucessão), pensamos na realização progressiva de uma noção na existência; no segundo caso (simultaneidade), pensamos na essência ou noção completa do indivíduo.

No indivíduo, a memória de si mesmo, as experiências que viveu, os acontecimentos de que participou, podem ser organizados como uma sucessão – antes, durante, depois, passado, presente e futuro –, mas podem também ser vistos como implicados todos na ação presente, no acontecimento atual. Por isso, através da noção leibniziana de indivíduo se abre, para nós, a visão do tempo simultaneamente como sucessão e como coexistência.

Ora, talvez a chave para pensar a possibilidade de uma leitura revolucionária de Leibniz – para retomar o adjetivo escolhido por Franklin para caracterizar o pensamento de Bergson – não esteja nessa definição de tempo como *simultaneidade* pura e simples, mas na assunção de Deleuze de que séries divergentes de acontecimentos, isto é, séries impossíveis de um ponto de vista leibniziano, coexistem (cf. Deleuze, 2018, p. 163).

Pois bem, segundo Deleuze, Leibniz estava no caminho certo quando pensou infinitos mundos possíveis, infinitas séries, divergentes, de acontecimentos. Mas poderia ter ido mais longe – tanto quanto o próprio Deleuze quer ir incorporando a contradição em sua filosofia. Deleuze sugere que a obsessão com a harmonia e a ideia de impossibilidade, de infinitas possibilidades que não podem conviver, é o que precisa ser ultrapassado: as séries divergentes convivem simultaneamente – eu diria que elas podem conviver seja através da memória, seja através da imaginação,

seja através da inventividade. Isso é fundamental para a recriação do pensamento de Leibniz hoje.

A sugestão de Deleuze nos leva a pensar que as séries que não tiveram realidade no tempo, mas que poderiam ter tido, são a fonte da possibilidade de reescrever o passado no presente, ressignificando-o e nos facultando outros futuros possíveis. Assim, e em consonância com a sugestão de W. Benjamin, de que o passado histórico pode emergir no presente em um momento de perigo, leio em Deleuze a possibilidade de emergência desse passado no presente a qualquer momento, porque as séries divergentes de acontecimentos convivem aqui agora sempre, como possibilidades. Possibilidades que podem se recriadas, retomadas e reinventadas e que nos permitem reescrever a história.

Ora, assim como Deleuze pode dizer de Leibniz que este não foi longe o bastante por não considerar a coexistência das séries ditas divergentes; Bergson talvez pudesse dizer que Leibniz não foi longe o bastante porque mantém a identidade. Em outras palavras: apesar de Leibniz entender o *tempo* como uma ordem de relação *percebida* pelo indivíduo, isto é, apesar do *tempo* ser uma *percepção* do sujeito; o problema aqui é a obsessão em manter um sujeito idêntico a si mesmo, sem abrir mão da harmonia e da identidade em favor da contradição – ou ambiguidade ou tensão – trazida pelo fluxo do devir que faz conviverem ser e não-ser.

Ou talvez possamos dizer que Leibniz é um avesso possível de Bergson, na medida em que o tempo não tem realidade para Leibniz, ele é uma ordem de relação do eu com o mundo e com as coisas fora dele, e esse eu é um sujeito idêntico a si mesmo que, a despeito das mudanças e transformações que experimenta ao longo de sua história pessoal, continua sempre o mesmo; enquanto para Bergson o real é o tempo, essa experiência da mudança.

Assim, a crítica que poderia ser feita de um ponto de vista bergsoniano a Leibniz – ou do ponto de vista do Bergson de Franklin à minha maneira de ler Leibniz – de algum modo faz eco à crítica que Deleuze faz a Leibniz: este não abre mão da identidade, não deixa espaço para a contradição, para a simultaneidade de divergentes. A crítica pode mirar o conceito de compossibilidade, na medida em que anula a contradição como existência simultânea de ser e não-ser presente no movimento.

Será?

Apresentar essa “semi-descoberta” pedra bruta é, em alguma medida, colocar-me em diálogo, neste diálogo constante com Franklin Leopoldo e Silva, e pensar que ainda é possível aceitar o desafio da “aventura imprevisível de tudo que podemos vir-a-ser” (Leopoldo e Silva, 2009, p. 17)

Bibliografia

- Agamben, G. (2014). “Tempo e história. Crítica do instante e do contínuo”. In: *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Benjamin, W. (2005). “Teses sobre o conceito de história”. In: Löwy, M., *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo.
- Deleuze, G. (2003). *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2018). *Diferença e repetição*, Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Drummond de Andrade, C. (2012). *Alguma poesia* (1930). In: *Menino Drummond*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2007). *Corpo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record.
- Gagnebin, J. M. (2006). “Memória, história, testemunho”. In: *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34.
- hooks, b. (2017). “A teoria como prática libertadora”. In: *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Lacerda, T. (2022). “Sucessão e coexistência: leituras do tempo em Leibniz”. In: Pinheiro, U. & Moreira, V. (orgs.). *Da natureza e da comunicação das substâncias. Leibniz. Traduções inéditas e estudos*. Curitiba: Kottter Editorial.
- Leibniz, G. W. (1973). *Correspondência com Clarke*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. (2004a). “Os princípios da filosofia ou a Monadologia”. In: *Discurso de metafísica e outros textos*. Apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda, São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2004b). “Princípios da natureza e da graça fundados na razão”. In: *Discurso de metafísica e outros textos*. Apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda, São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2004c). “Discurso de metafísica”. In: *Discurso de metafísica e outros textos*. Apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda, São Paulo: Martins Fontes.
- Leopoldo e Silva, Franklin (1992) “Bergson, Proust. Tensões do Tempo”. In: Novaes, A. (org.). *Tempo e história*, São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1994). *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola.
- _____. (2009). “Tempo: experiência e pensamento”. *Revista USP*, São Paulo, n.81, março/maio, p. 6-17.
- _____. (2017). “Descontrole do tempo histórico e banalização da experiência”. In: Novaes, A. (org.). *Novas configurações do mundo*. Série Mutações. São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

Miñoso, Y. E. (2020). “Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial”. In: Heloísa Buarque de Hollanda. *Pensamento feminista hoje. Perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.

Spivak, Ga. (2019), “Quem reivindica alteridade?” In: Heloísa Buarque de Hollanda. *Pensamento feminista. Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.